

Millenium, 2(5), 23-31.

pt

ÉTICA E PROPOSTA DE APROVEITAMENTO DE DADOS NÃO UTILIZADOS DO TRABALHO CIENTÍFICO
ETHICS AND A PROPOSAL TO USE UNUSED DATA IN SCIENTIFIC WORK
ÉTICA Y PROPUESTA DE APROVECHAMIENTO DE DATOS NO UTILIZADOS DEL TRABAJO CIENTÍFICO

*Isabel Camalhão*¹

*Serafim Camalhão*²

¹ Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento (CeIED) Instituto de Educação – Universidade Lusófona, Lisboa, Portugal.

² CIES-IUL, Lisboa, Portugal

Isabel Camalhão - isabelferreira66@hotmail.com | Serafim Camalhão - serafimleopoldo@hotmail.com



Autor Correspondente

Serafim Camalhão

CIES-IUL

Edifício ISCTE, Av. das Forças Armadas

1649-026 Lisboa – Portugal

serafimleopoldo@hotmail.com

RECEBIDO: 29 de novembro de 2017

ACEITE: 18 de janeiro de 2018

RESUMO

Introdução: Todo o trabalho científico nas áreas das Ciências Sociais e Humanas não utiliza todos os dados que recolhe e exclui elementos que não vão integrar os resultados finais. Estes dados podem ser úteis para outras investigações, mas colocam-se problemas éticos que dificultam o seu aproveitamento.

Objetivos: Desenvolver uma metodologia para usar os dados não utilizados e propor uma interpretação ética que facilite a utilização destes dados.

Métodos: Utilizaram-se os procedimentos e fases de construção de um projeto de investigação, tendo por centro uma área e um problema metodológico.

Resultados: A criação uma proposta de uma metodologia especificamente destinada à utilização de dados não utilizados, aberta e flexível.

Conclusões: A utilidade de aproveitar não só os dados não utilizados, assim como, todos os elementos de uma investigação social, que vem beneficiar todo o conhecimento. No campo da ética, centrou-se na questão de proteger as comunidades, os participantes e o investigador como critério central no aproveitamento de dados. As questões éticas são demasiado complexas para caber num único artigo.

Palavras-chave: Dados não utilizados; Metodologia; Conhecimento; Ética.

ABSTRACT

Introduction: All scientific work in the social sciences don't use all collected data and exclude elements that won't be part of the result. This data can be useful to other researches, but it has ethic problems that difficult their use.

Objectives: Develop a methodology to use the data not analysed and propose an ethical interpretation that facilitates its use.

Methods: It was used the procedures and steps of a construction of an research project, having as a centre one methodological area and problem.

Results: The creation of a proposal of one methodology specifically destined to the use of unused data, open and flexible.

Conclusions: The utility of the use, not only of unused data, but also, all elements of a social research, that will benefit all knowledge. In the field of ethics, the focus is in the question of protecting communities, participants and the researcher. The ethical questions are too complex to be treated in one only article.

Keywords: Unused data; Methodology; Knowledge; Ethics.

RESUMEN

Introducción: Todo lo trabajo científico en las áreas de las Ciencias Sociales e Humanas no utiliza todos los datos que recoge y excluye elementos que no tendrán parte de los resultados finales. Estos datos pueden ser útiles para otras investigaciones, pero se colocan problemas éticos que dificulten su utilización.

Objetivos: Desarrollar una metodología para utilizar los datos no analizados y proponer una interpretación ética que facilite su uso.

Métodos: En este artículo se utilizarán los procedimientos y fases de la construcción de uno proyecto de investigación, tenido por centro un área y un problema metodológico.

Resultados: La creación de una propuesta de una metodología destinada a la utilización de datos no utilizados, abierta y flexible.

Conclusiones: La utilidad de aprovechar, no solo los datos no utilizados, así como, de todos los elementos de una investigación social, que viene beneficiar todo lo conocimiento. En lo campo de la ética, se centro en la cuestión de proteger las comunidades, participantes y lo investigador como criterio central no aprovechamiento de datos. Las cuestiones éticas demasiado complexas, pero caber en un único artículo.

Palabras Clave: Datos no utilizados; Metodología; Conocimiento; Ética.

INTRODUÇÃO

Este artigo nasceu da confluência de uma Tese de Doutoramento atribulada com muitos dados excluídos, a intensão de os aproveitar, no que resultou o artigo "Os "despojos" do trabalho científico em Ciências Sociais: O potencial do conhecimento dos "restos" (Camlhão & Camalhão, 2017) que pretendeu propor uma forma de aproveitar estes dados não utilizados e por último a apresentação do mesmo artigo no Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa.

O artigo presente nas atas do CIAIQ 2017 (Camlhão & Camalhão, 2017) está estruturado numa forma mais substantiva, utilizado o termo de utilizado por Glasser (1992) preocupado com dois aspetos, tornar-se mais didático acessível a todos e apresentar um problema científico inerente a uma área bem substantiva e concreta. A partir desta observação tornou-se evidente que seria necessário dar-lhe um aspeto mais formal.

A apresentação oral deste artigo revelou que seria importante acrescentar a dimensão ética e confirmou o que nós os autores deste texto observamos pessoalmente todos os dias no meio académico, a criação de muros, barreiras ao conhecimento. O que nos surpreendeu foi a extensão do problema apresentado pelos investigadores brasileiros, em que não se poderiam utilizar os dados não utilizados numa pesquisa, aproveitando os mesmos para utilização científica. A explicação que nos deram foi que, as comissões de ética proibiam e tornavam impossível o aproveitamento de dados através de uma interpretação da ética muito restritiva.

No nosso ponto de vista é mais importante propor uma solução, em vez de criticar, colocarmo-nos no lugar das comissões de ética. Estas têm razão no sentido que Hammersley & Traianou (2012) nos lembram que fazer investigação social tem regras e riscos quer para o investigador quer para os participantes. A nossa proposta implica fazer uma interpretação justa dos aspetos éticos permitindo a utilização dos dados não utilizados e alargando o âmbito para toda reutilização de toda informação presente nos trabalhos de investigação social.

O conteúdo deste artigo nasceu de um problema comum a dois investigadores, o fim de uma Tese de Doutoramento com muita informação não utilizada e outro que retoma a sua tese onde é necessário rever todo o trabalho efetuado. Neste trabalho nasceu uma autoetnografia colaborativa, (Chang, Ngunjiri & Hernandez, 2013) onde todas as observações e experiência académica de ambos tornou-se importante para a construção deste artigo. Em consequência disso muitas afirmações caem neste campo, onde facilmente se poderiam justificar na literatura, mas que não pertencem a nenhum autor senão aos próprios. Há, no entanto, no essencial, a preocupação de um pouco à imagem da Grounded Theory, onde procuramos formalizar e transformar um problema numa proposta metodológica coerente com base na literatura relevante.

Na nossa experiência como estudantes no meio académico, observamos que sempre que terminamos um trabalho académico, realizamos uma avaliação do que foi produzido, verificamos que o mesmo acontecia com os nossos colegas. No nosso caso a avaliação foi efetuada comparando o que se pretendia fazer e o que se conseguiu, revelando falhas, limitações e o que se poderia fazer melhor. A literatura é abundante na produção destes indicadores recomendamos a leitura da obra de Patton (2015, p. 21) no qual os tópicos são a proposta de investigação, a quem se dirige, questões de investigação, resposta às questões, recursos e a qualidade dos resultados.

No caso da tese já terminada a avaliação revelou que de 126 entrevistas realizadas, apenas 78 foram aproveitadas. As conversas com colegas revelaram que isso é normal, em função dos critérios dos trabalhos académicos que limitam formalmente a dimensão, as fronteiras de um projeto de investigação e que excluem aquilo que não cabe dentro daqueles limites. Estes dados não utilizados podem ser aproveitados.

Em termos metodológicos utilizamos os mesmos procedimentos na construção de um desenho de investigação (Quivy & Campenhoud, 2011), com um tópico, um problema, um problema de pesquisa, uma pergunta de partida, um enquadramento teórico e uma metodologia. No artigo que deu origem a este, vem com dados concretos para lhes darem estrutura, aqui estão apenas os aspetos mais abstratos com uma maior formalização, o resultado é a proposta final de tratamento destes dados.

O que o leitor vai descobrir nas páginas seguintes é que aquilo que apresentamos não é novidade, há inúmeras metodologias que reutilizam dados. O que propomos é apenas mais uma proposta para discussão, onde é impossível expor todos os argumentos e referências, mas apenas as que consideramos mais importantes.

Partindo da nossa experiência académica, verificamos que quando começamos um processo de investigação não podemos definir a priori o que vai ser incluído ou excluído na apresentação de resultados. Neste processo vai-se acrescentado e retirando elementos, do qual é importante manter todos os dados e saber o porquê desta ou daquela decisão.

O tipo de elementos recolhidos e excluídos, são os mesmos de qualquer trabalho académico são essencialmente elementos bibliográficos ou leituras, documentos, empíricos recolhidos no terreno e reflexivos com aspetos ligados ao investigador. O aspeto central, está em perceber se a informação obtida está completa ou incompleta. Uma informação completa é aquela em que os seus elementos ou componentes, no seu conjunto constituem uma forma lógica e coerente, é incompleta se os elementos que a constituem não forem suficientemente claros, inconsistentes e contraditórios, necessitando sempre de mais investigação para atingir um mínimo de coerência, são indícios ou pistas. Como autores defendemos que não há informação completa, apenas suficientemente coerente e lógica.

Os dados não utilizados, são os dados ou informação excluída da apresentação dos resultados finais de uma pesquisa científica em Ciências Sociais e Humanas. A quantidade e a qualidade destes dados não utilizados, são um critério importante naquilo que podemos fazer com os mesmos. Defendemos que não existem processos de investigação perfeitos e estes deixam sempre dados não utilizados.

Esta evidência, levanta uma crítica ao desperdício de conhecimento pela destruição inevitável dos dados não utilizados, mas tal, não vem resolver o problema e preferimos ensaiar uma solução, para ser discutida e criticada. O conhecimento existe para ser

partilhado, e o leitor, por uma pequena amostra na literatura presente verificarão que não é novidade, é apenas mais uma proposta.

1. O PONTO DE PARTIDA

O nosso ponto de partida foi uma imagem popular, que não tem autor ou dono, pertence às práticas de qualquer família com poucos recursos ou poupada. A sabedoria popular, diz-nos que num mundo onde há pessoas que passam fome, é um crime deitar comida fora. O normal é aproveitar os restos de comida ora juntando os diversos pedaços, ora acrescentado algo ao que já tem. Facto é que à partida, ninguém saber nem o que, nem quanto vai sobrar depois de almoço ou jantar.

Utilizando este argumento mudamos o termo restos, para dados não utilizados, mas o princípio é o mesmo. Qualquer investigação deixa dados não utilizados, que indica a existência quer de informação excluída por uma razão ou outra. Existe inúmera informação do que pode correr de modo diferente numa investigação, acontecem coisas que podem mudar o pensamento inicialmente, nomeadamente a ideia de Rossman & Rallis (2012), em que o objetivo do investigador é aprender no campo, ser flexível, ser capaz escutar o outro o que pode levar à exclusão de informação recolhida. Noutros casos Quivy & Campenhoud (2011), não se cansam de avisar para os riscos de um desenho de investigação mal concebida e ambiciosa demasiado para as capacidades do investigador.

Do ponto de vista prático, daquilo que observamos ao longo da nossa vida académica levou-nos a adaptar algumas designações. Flick (2005) faz a distinção entre investigação linear e circular. Para este autor linear quer dizer quantitativa onde todos os aspetos da investigação são previamente definidos, no sendo desta proposta linear, significa apenas que o investigador tinha um desenho de investigação, equilibrado, o acesso ao campo não teve problemas e nisto tudo correu bem, não tem nada a alterar, mas a acrescentar. O termo circular significa que o investigador ao longo de todo processo de pesquisa vai adaptando o desenho de investigação ao campo concreto de investigação, no caso o termo mais concreto junta-se a designação de atribulado, e a sucessão de problemas leva que a investigação seja necessariamente circular. Os dados não utilizados surgem em ambas as situações, na primeira, o campo foi tão rico que teve que se excluir algo, mas a maior parte foi utilizado. Nos segundos, uma sucessão de problemas levam a um conjunto de alterações que deixam muita informação não utilizada. A noção que queremos deixar é que estes dados podem ser utilizados quer para novos processo de investigação, como podem complementar trabalhos académicos.

2. O QUE SÃO DADOS NÃO UTILIZADOS?

Na sua forma mais simples definimos dados não utilizados como os dados ou informação excluída da apresentação dos resultados finais de uma pesquisa científica em Ciências Sociais e Humanas. Não basta apresentar esta definição, torna-se necessário procurar na literatura, aquilo que lhe pode corresponder.

Na literatura encontramos vários termos entre estes destacamos 3: redução de dados, vestígios e corpus, que é baseado na nossa experiencia académica. Como se pode observar:

- O termo redução de dados é utilizado Miles & Huberman (1994) significa que em qualquer investigação há que reduzir ou condensar dados, inevitavelmente, o resumir informação implica excluir ou perder dados.
- O termo vestígios é utilizado por Ghiglione. & Matalon (1992) para designar documentos, os dados não utilizados deixam registos que mostram sinais de um fenómeno.
- Paillé & Mucchielli (2009) utilizam o termo “corpus” para designar o conjunto de elementos que constitui uma investigação. Tomando este ponto se o investigador deitar fora os dados não utilizados estes nunca serão utilizados.

2.1. Aproveitamento de dados não utilizados nas Ciências Sociais

O que se apresenta não é uma novidade, verificamos que os investigadores e os estudantes vão publicando artigos, atas de congresso, seminários, livros e em múltiplas formas, ao longo de um processo de investigação prolongando-se ainda além deste. Estes são avaliados pela sua produção científica. Cada artigo publicado no decurso da investigação é uma utilização de dados não utilizados e após esta ter terminado pode ainda ir buscar elementos excluídos aprofundando o trabalho realizado.

Este artigo tem origem e base na obra de Rodriguez (2011) *Análisis de Datos Incompletos en Ciencias Sociales*. O autor aborda um problema recorrente nas metodologias quantitativas as bases de dados estão incompletas nos inquéritos com as não respostas e os vazios daí decorrentes. O problema foi resolvido através de algumas observações: (1) verificou que alguns dados que deveriam estar presentes, estão ausentes, procura-se na matriz ou estrutura elementos que permitem encontrar os elementos perdidos ou ausentes; (2) quando se procura recuperar informação basta reorganizar os elementos em torno de uma pergunta; (3) contrastar as diversas variáveis procurando correlações é possível estimar o valor perdido. Estas três soluções indicam que a informação que se pretende pode ser encontrada numa estrutura, bastando reorganizar os dados ou contrastar as diversas variáveis. Esta primeira leitura alertou a possibilidade de como aproveitar os dados não utilizados de qualquer trabalho académico.

A obra anteriormente referida, é de natureza quantitativa, mas os seus princípios podem ser aplicados a qualquer investigação. O desafio que se seguiu foi fazer o mesmo a nível qualitativo de uma forma mais abrangente, com a possibilidade de procurar informação dentro e fora da estrutura para completar elementos em falta.

Na versão final de uma Tese de Doutoramento os dados registados em qualquer suporte de papel ou eletrónico são documentos com variados tipos de informação. A literatura confirma esta afirmação a se juntam alguns exemplos com que permitem o aproveitamento de dados: Ghiglione & Matalon (1992) utilizam o termo vestígios mas com a preocupação que estes não sejam válidos e não estejam contextualizados; Bernard & Ryan (2010) indicam o termo análise secundária de dados, para designar a utilização de dados de outras investigações o problema implica falta de informação; Wästerfors, Åkerström & Jacobsson (2014) falam em reanálise de dados qualitativos consiste na análise dos dados de uma investigação por outro investigador diferente do que o realizou.

Muito facilmente poderíamos partir para uma destas formas de reutilizar e aproveitar os dados, mas a filosofia deste artigo indica que antes de tomar qualquer decisão é preciso ter a noção do tipo de informação produzida. A imagem que reproduzimos mais que teórica é prática, no caso em questão a principal preocupação esteve em resolver problemas, não existe o cuidado de registar o que é deixado de lado, a questão de reutilização dos dados coloca-se no final e saber o que temos implicou fazer uma avaliação do que se tem.

Numa abordagem qualitativa, a contextualização é fundamental (Rossman & Rallis, 2012), o desafio está em compreender os dados sem no seu contexto com o máximo de informação, depois recuperar as informações retiradas para voltar a analisar os mesmos, independentemente de serem do investigador que recolheu os dados ou outro. Todos os métodos e técnicas podem ser utilizados. Há, no entanto, muitos dados não utilizados

que são dados primários, recolhidos pelo investigador e que ainda não foram analisados, distinguindo-se da reanálise ou mesmo a de uma análise secundária. Entre as opções é possível ainda voltar ao campo para completar o que falta. Neste ponto de vista consideramos que sempre que se utilizar os dados no registo original, por exemplo, transcrições de entrevistas, a distinção é inútil, são dados da mesma natureza.

Quer o aproveitamento de dados não utilizados, quer a reanálise dos dados implicam uma atitude de abertura a todas as formas de informação e metodologias, pois antes de fazer uma avaliação do que se tem, não é possível tomar qualquer decisão.

3. PROPOSTA DE UMA METODOLOGIA DE APROVEITAMENTO DE DADOS NÃO UTILIZADOS

O aproveitamento de dados não utilizados visa tratar os dados não utilizados de forma a tomar a forma de publicação científica ou participação em eventos académicos. Não pré-definimos a forma pois tal depende da potencialidade dos dados não utilizados e as soluções para os complementar. A metodologia proposta é abrangente e aberta, deixando espaço para cada adaptar a mesma à sua situação concreta. Definimos assim quatro fases: hermenêutica, análise e tomada de decisões, análise complementar de dados e a formalização de resultados

3.1. O momento hermenêutico

O momento hermenêutico não é verdadeiramente um estádio, a sua principal atividade consiste em avaliar os dados que não foram utilizados (Rodrigues, 2011). Este trabalho vai além de uma mera descrição e exploração dos seus conteúdos inclui a compreensão, relações, estrutura, sentido e significado dos dados. Utilizando uma definição simples é o momento em que é necessário identificar o que restou de um trabalho académico ou científico. Nesta avaliação é preciso evitar quaisquer preconcepções (Glasser, 2013), tal levaria a sub ou a sobrevalorizar um aspeto em detrimento de outro e na expressão "all is data" (Glasser, 2001, p. 145) em todos os dados não utilizados independentemente da forma e origem são fontes de informação potencialmente úteis. Não é um estádio ou fase, porque não é o momento em que se tomam decisões, o objetivo é simplesmente saber o que se tem sem outras preocupações. Caso tivéssemos que selecionar e decidir o que fazer, tal como numa tese, iríamos deitar dados fora. Então o que é? É um momento ao qual voltamos recorrentemente, para ir buscar os elementos que necessitamos.

A hermenêutica surge num contexto em que é preciso ir além da mera descrição ou relação entre dados. Em primeiro lugar os trabalhos científicos em Ciências Sociais tomam uma forma escrita e de discurso. Estes elementos são passíveis de se descobrir o sentido, a referência e o significado (Ricour, 2013). Wernet (2014) apresentam quatro princípios: Excluir o contexto; Tomar o significado literal do texto seriamente; Sequencialidade e Extensividade. Esta contribuição é aceite em parte, o contexto é parte dos dados, sem este não se pode compreender os não utilizados, mas fica a noção que a primeira leitura passa pela interpretação apenas pelo que está escrito, sequencialidade vem expor a estrutura que está no texto e a extensividade indica que todos os elementos devem ser analisados em pormenor, profundidade, as hipóteses são referentes a pequenas partes do todo, pelo que se percebeu, a extensividade nasce da análise do conjunto das diversas partes. Este primeiro momento a análise não necessita de ser tão pormenorizado, mas necessita de ser compreendido e a sua estrutura exposta. O processo inicial pode resumir-se às três etapas do círculo da hermenêutica que segundo Carpenter (2013) são a leitura simples, a análise estrutural e a

interpretação do todo. Tal como é proposto, neste momento inicial a intenção é familiarizar-se com os dados revelar a sua estrutura e compreender o potencial dos não utilizados apresentados.

3.2. Primeira fase: Análise e tomada de decisões

Nesta fase já existem informações suficientes para começar um processo de investigação. As decisões a tomar dependem dos recursos do investigador (Quivy & Campenhoud, 2011), da sua ambição e dos dados que possui, no mínimo um pequeno artigo no máximo uma nova investigação financiada.

As bases desta e da fase seguinte, estão baseadas em Saldaña (2013), nesta fase está o primeiro ciclo de codificação, com o primeiro contacto, tratamento e abordagem aos dados. O primeiro desafio está na escolha de um processo de codificação. O investigador pode querer fazer uma investigação partindo dos dados, revelando a sua estrutura, muitas vezes utilizando uma codificação *in vivo*, pode ter uma atitude semelhante à indução analítica, com o recurso a hipóteses e um esquema de codificação provisório criado a previamente. Por último pode-se partir de um esquema de codificação prévia onde pode estar envolvido um protocolo com procedimentos e classificações. Há aqui uma abertura a todo o tipo de metodologias qualitativa e se o investigador quiser mista ou mesmo quantitativa, depende do objetivo, formação e intenção de quem estuda.

Os dados não utilizados, no entanto, apresentam sempre falhas e por natureza incompletos, foram excluídos da estrutura da qual surgiram. O objetivo desta fase está em revelar a estrutura e consistência dos dados selecionados para aproveitamento dos dados não utilizados.

Utilizamos a linguagem da Grounded Theory para exemplificar esta fase, o procedimento passa por uma codificação aberta tendo por base apenas os dados (Glasser, 1992). O objetivo é sempre atingir uma teoria substantiva (Glasser & Strauss, 1967), mas nesta fase não é possível nem suposto atingir este nível. Nesta abordagem metodológica, quer os objetivos quer a preocupação do investigador, está em sistematizar e maximizar o que os dados têm para oferecer para poder identificar as inevitáveis falhas.

3.3. Segunda fase: Análise complementar de dados

A análise complementar de dados remete para as falhas ou limitações descobertas. É importante referir que os dados não utilizados, com base na Grounded Theory, revelam uma estrutura, uma lógica e hipóteses mesmo que limitadas.

Partimos para esta abordagem baseados no princípio que os dados não estão perdidos, são dados não utilizados e a informação por e simplesmente está ausente e necessita de ser completada (Rodriguez, 2011). As estratégias utilizadas consistem no cruzamento de dados, que aqui sendo numéricos tomam a forma de tabelas. A um nível mais qualitativo procede-se de modo semelhante, mas a atenção é dada ao texto, à letra então o cruzamento é feito através de matrizes (Miles & Huberman, 1994).

No aproveitamento de dados não utilizados, procede-se como se fosse uma investigação nova onde se detetam falhas a complementar. Na nossa perspetiva os dados não utilizados fazem parte de um todo (Paillé & Mucchielli, 2009) independentemente de terem sido utilizados, é nessa totalidade corpo, dados não utilizados e vestígios que se deve procurar em primeiro lugar o que é necessário para completar o que falta. Quando a capacidade da investigação original se esgota, se o investigador tem recursos e o processo de aproveitamento de dados não utilizados está incluída num projeto científico, então há a opção de ir novamente para o campo tal como Strauss & Corbin (2008), fazem para melhorar e corrigir falhas até ao fim da investigação. Mas pode acontecer que o investigador não tenha recursos, pode ainda procurar outro estudo sobre a área ou a temática e pedir autorização para utilizar os recolhidos no campo antes de serem analisados podendo ainda juntar forças com o colega com os dados não utilizados de ambos fazer um trabalho fabuloso, sobre algo que iria para o lixo. Em último caso há sempre a modéstia de aceitar aquilo que os dados da investigação permitem, ficado o investigador feliz porque não deitou fora algo que pode ser útil para outros.

A questão que falta resolver é como é que se vai juntar elementos quer da própria investigação quer externos a esta? Em todas as investigações estão sempre presentes um tema, uma pergunta de partida e objetivos, este é o fio condutor, partindo daí ter-se-á que utilizar o método comparativo, em que Glasser & Strauss (1967) apresentam um quadro onde a comparação entre grupos é feita cruzando a informação por semelhança e diferença nas colunas e o grau mínima e máxima nas linhas, o resultado é que permite encontrar a informação pertinente para aquilo que falta completar. Não se pode dizer que é algo que se pode fazer com dois, três ou mais momentos, a única regra que se defende, para evitar confusão, é que primeiro se deve começar pelos dados da investigação e depois de esta ir para os dados externos, por prudência a análise deve ser feita por grupos ou tipos de informação e destes nem tudo é aproveitável.

Numa referência a Saldaña (2013) esta fase corresponderia ao segundo ciclo de métodos de codificação que não é mais que reorganizar e reanalisar os dados na procura de padrões, estruturas, hipóteses. Há aqui uma diferença, estes elementos necessariamente têm que ser descobertos na fase anterior aqui procura-se apenas completar o que falta, o que não impede que se melhore o que já foi feito e repensar a análise.

3.4. Terceira fase: Formalização de resultados.

A terceira fase, consiste na passagem de todo o trabalho na forma escrita com a formalização dos resultados. Uma das tarefas presente nesta tarefa está em voltar a consultar novamente as referências bibliográfica neste processo e descobrir dados que necessitam o confronto com a literatura. A realidade é que muitos problemas só são descobertos quando se começa a escrever formalmente.

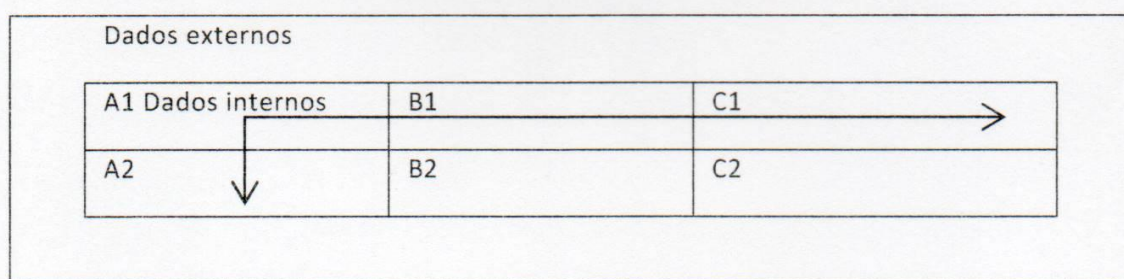
Escrever não é fácil, (Wolcott, 2009) implica reconstituir todo o processo de investigação, e apresentá-lo de uma forma coerente para um dado público. Embora não se esteja a fazer Grounded Theory Clássica, (Glasser, 2007) de uma certa forma em causa está encontrar o conceito central presente nos dados, e após isso comparar com a literatura relevante. Esta fase pode ser maior ou menor conforme os dados não utilizados, o corpo de dados presentes e o tipo de investigação.

Este processo de investigação necessita passar por um instrumento de validação, verificação e generalização dos resultados. O teste é feito pelo confronto com a literatura, comparação entre os dados e complementar falhas naturalmente através da formalização de resultados. No caso dos dados não utilizados é necessário ser humilde e modesto quer em relação aos resultados como à sua generalização. Recomendamos que se faça o que Miles & Huberman (1994) referem como o desenho e verificação de conclusões, isto como em qualquer investigação apresentar e discutir os resultados da análise dos dados não utilizados.

4. COMO PROCEDER PARA UMA UTILIZAÇÃO DE DADOS NÃO UTILIZADOS.

Nesta secção o objetivo está em especificar como é que procede a nível mais técnico. O momento hermenêutico é a base de todo processo de investigação, em que coloca-se a informação numa representação gráfica e criar-se um sistema de armazenamento de dados acessível quer para tratamento quer para identificação. Para este fim são utilizadas (Miles & Huberman, 1994) matrizes, onde se agregam (Glasser & Strauss, 1967) os dados juntando-os pela semelhança e diferença. Nesta matriz podem-se colocar quer números quer texto, como se pode observar na figura 1.

Figura 1 - Representação de matriz de colocação de dados, com base em Miles & Huberman (1994), Glasser & Strauss (1967) e Ragin (2014).



A figura apresenta dois elementos: interno corresponde ao corpus (Paillé & Mucchielli, 2009), conjunto de elementos de uma investigação que de modo alargado incluem os dados não utilizados; os elementos externos são aqueles que não pertencem à investigação original.

Cada célula corresponde a uma parte do estudo com os seus dados, onde coloca-se o essencial da informação. Cada quadro tem relação com uma pasta física ou informática onde todos os dados relativos aqueles aspectos são guardados. Cada parte e o todo tem um relatório com a avaliação efetuada.

As setas correspondem à comparação efetuada entre (Ragin, 2014) dentro e entre célula constantemente reorganizadas por uma pergunta (Rodrigues, 2011) com o fim de complementar os dados não utilizados ou procurar informação. Caso não se encontrem respostas no corpus, ter-se-á que procurar informação fora deste, noutras pesquisas ou voltando ao campo (Strauss & Corbin, 2008).

5 QUESTÕES ÉTICAS

A partilha de dados em pesquisa social não é isenta de questões éticas, poderíamos começar pelos direitos de autor no nosso ponto de vista não é um problema, porque o acesso a dados primários, depende exclusivamente das universidades e os investigadores lhes derem acesso. Usualmente, como observamos, apenas estão acessíveis os trabalhos acabados e os dados utilizados, a esses coloca-se essa questão, tal como anterior depende de autorização.

O principal problema ético deve colocar-se na utilização destes e na proteção dos participantes. Há muita literatura sobre a ética na investigação, no caso de uma abordagem qualitativa está presente a questão que em questão está o texto e a

contextualização (Rossman & Rallis, 2002; Miles & Huberman, 1994), na prática não se vai reduzir tudo a números e a abstrações, mas refletimos sobre o tema concluímos que tal expõe as pessoas.

A questão coloca-se aqui apenas a nível de tratamento de dados com a possível utilização dos dados, com as devidas diferenças, utilizam-se os dois princípios apresentados por Hammersley & Traianou (2012) mais ligados ao tema. O primeiro é que o modo como se tratam e apresentam resultados pode favorecer ou prejudicar quer os participantes quer um grupo social, o segundo a confidencialidade e consentimento informado. Reduzimos estes dois princípios a um, o dever de proteção da sociedade e do participante, no sentido de que não é legítimo apresentar estudos ou dado que vão prejudicar a comunidade e seus participantes e simultaneamente não existe nenhum ganho social.

Como o podemos fazer? Partimos da nossa experiência prática, o que fizemos nas nossas teses. É uma questão de bom senso, mas podem encontrar referência na literatura, consideramos três níveis de proteção, o primeiro consiste em mudar o nome dos participantes, omitir o nome das entidades, de dados como moradas, zonas geográficas de pequena dimensão, a segunda implica o reescrever partes do original deixando apenas o conteúdo e a terceira a pura e simples eliminação quer porque o participante pediu quer porque o conteúdo prejudica o próprio, e não é relevante. Nem tudo se aproveita nem deve ser revelado.

Na nossa proposta de aproveitamento, com base em Wästerfors, Åkerström & Jacobsson, (2014) substituímos o termo desidentificação e deslocalização em vez de descontextualização. Na proteção dos participantes, basta que não os consigamos identificar e não os localizar no espaço o restante é perda de dados.

É importante legitimar a reutilização dos dados assim como o aproveitamento com regra as quais consideramos as seguintes:

1. Todo reaproveitamento de dados deve ser apresentado como um projeto e ser aprovado quer pelo comité científico ou outra entidade competente para verificação das regras abaixo.
2. Todos os dados podem ser reutilizados depois de devidamente desidentificados e deslocalizados.
3. A partilha de dados só pode ser utilizada exclusivamente para fins científicos, sendo que esta é a finalidade de todas as pesquisas.
4. Há uma hierarquia de acesso aos dados sendo que alguns são de acesso reservado.
5. A partilha de dados de vários investigadores depende da sua autorização prévia para o fazer.
6. Quando os dados são sensíveis, os documentos originais não devem ser expostos, ficando apenas os resultados sem problemas éticos.
7. O acesso a dados é facultado principalmente a portadores de deficiência sem possibilidade de fazer trabalho de campo, estudantes sem recursos que pretendam acabar os seus cursos e no ensino com casos práticos.
8. Um investigador com muito material empírico, pode reutilizar todos os seus dados sem restrições, necessitando apenas de apresentar um projeto para aprovação ética.

O que apresentamos é um ponto de partida para discussão, o importante é que partilhemos a informação que temos, criando um conhecimento útil e para benefício para todos.

CONCLUSÕES

Este artigo apresenta uma proposta de aproveitamento de dados não utilizados. Os seus autores fizeram bricolage para produzir uma proposta de metodologia que o permitisse utilizar estes dados. O problema ultrapassa a questão metodológica, se fizermos uma interpretação rígida da ética na investigação, então perde-se conhecimento, se não existir ética, invalida-se todo o conhecimento produzido. Torna-se importante o bom senso, todos os dados são reutilizáveis, desde que se protejam quer os participantes quer os investigadores com a utilização de regras equilibradas. Não pretenda o leitor ver o tema completamente retratado num artigo, no que se pretende que se discuta amplamente.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bernard, H. R & Ryan, G. W. (2010). *Analysing Qualitative Data: Systematic Approaches* London: Sage Publications, Ltd.
- Camalhão, I. e Camalhão, S. (2017), Os “despojos” do trabalho científico em Ciências Sociais: O potencial do conhecimento dos “restos”. 6º Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa de 12 a 14 de julho de 2017. Salamanca, Espanha. Acedido em <http://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/view/1137/1103>.
- Carpenter D. R. (2013). Método Fenomenológico. In Streubert, H. J. & Carpenter, D. R. (Ed.). *Investigação Qualitativa: Avançando o Imperativo Humanista* (5 th e. pp. 73 - 96). Loures: Lusodidactica.
- Chang, H., Ngunjiri, F. W. & Hernandez, K.-A. C. (2013). *Collaborative Autoethnography*. Walnut Creek: Left Coast Press inc.
- Flick, U. (2005). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Lisboa: Monitor.
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (1992). *O Inquérito: Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Glasser, B. G. (2013). *No Preconceptions: The Grounded Theory Dictum*. Mill Valley: Sociology Press.

- Glaser, B. G. (2007). *Doing Formal Grounded Theory: A Proposal*. Mill Valley: Sociology Press.
- Glaser, B. G. (2001). *The Grounded Theory Perspective: Conceptualization Contrasted with Description*. Mill Valley: Sociology Press.
- Glaser, B. G. (1992). *Basics of Grounded Theory Analysis*. Mill Valley: Sociology Press.
- Glaser, B. G. & Strauss, A. L. (1967). *The Discovery of Grounded Theory: Strategies for Qualitative Research*. New York: Aldine.
- Hammersley, M. & Traianou, A. (2012). *Ethics in Qualitative Research: Controversies and Context*. London: SAGE Publications Ltd.
- Paillé, P. & Mucchielli, A. (2009). *L'Analyse Qualitative en Sciences Humaines et Sociales*. (3 rd ed.). Paris: Armand Colin.
- Patton, M. Q. (2015). *Qualitative Research & Evaluation Methods: Integrating Theory and Practice* (4 th ed.) London: SAGE Publications Ltd.
- Quivy, R. & Campenhoud, L. (2011). *Manuel de Recherche en Sciences Sociales*. (4 th ed.). Paris: Dunod.
- Miles, M. B. & Huberman, A. M. (1994). *Qualitative Data Analysis: An Expanded Sourcebook*. (2nd ed). London: SAGE Publications, Ltd.
- Ragin, C. C. (2014). *The Comparative Method: Moving Beyond Qualitative and Quantitative Strategies*. Oakland: University of California Press.
- Ricour, P. (2013). *Teoria da Interpretação: O Discurso e o Excesso de Significação*. Lisboa: Edições 70.
- Rodríguez, G. R. (2011). *Análisis de Datos Incompletos en Ciencias Sociales*. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas.
- Rossmann, G. B. & Rallis, S. F. (2012). *Learning in the Field: An Introduction to Qualitative Research* (3 rd ed.). London: SAGE Publications, Ltd.
- Saldaña, J (2013). *The Coding Manual for Qualitative Researchers* (2 nd ed.). London: SAGE Publications, Ltd.
- Strauss, A. & Corbin, J. (2008). *Basics of Qualitative Research: Techniques and Procedures for Developing Grounded Theory* (3 rd Ed.). London: SAGE Publications, Ltd.
- Wästerfors, D., Åkerström M. & Jacobsson, K. (2014). Reanalysis of Qualitative Data. In Flick, U. (Ed.). *The SAGE Handbook of Qualitative Data Analysis* (pp. 467 – 480). London: SAGE Publications Ltd.
- Wernet, A. (2014). Hermeneutics and Objective Hermeneutics. In n Flick, U. (Ed.). *The SAGE Handbook of Qualitative Data Analysis* (pp. 234 – 246). .London: SAGE Publications Ltd.
- Wolcott, H. F. (2009). *Writing Up Qualitative Research* (3 rd ed.). London: SAGE Publications Ltd.